



REVISÃO SISTEMÁTICA: intersecção entre as teorias de análise de rede, desenvolvimento regional e geografia econômica.

Bárbara Ádria Fernandes ¹

José Luiz Fernandes ²

Cyntia Meireles Martins ³

Jurandy Moreira ⁴

RESUMO

Com fonte secundária e estudo da literatura sobre o tema e, por meio de revisão sistemática, o trabalho teve como objetivo situar os conceitos de análise de rede, desenvolvimento regional e geografia econômica, deste modo, organizou-se os fundamentos teóricos a partir de revisão da literatura em trabalhos relacionados ao tema, com isso se pesquisou, se ocorre intersecção entre as teorias alvo da pesquisa. Foi possível identificar que as áreas do conhecimento pesquisadas, possuem intersecção de ideias e conhecimentos em relação aos seguintes macros temas: ciências sociais; fomento a competitividade; relacionamento entre atores; visão de atuação em espaços geográficos.

Palavras-chave: Revisão sistemática; Intersecção; Análise de rede; Desenvolvimento regional; Geografia econômica.

ABSTRACT

With secondary source and study of the literature on the subject and, through a systematic review, the work had as objective to situate the concepts of network analysis, regional development and economic geography, in this way, the theoretical foundations were organized from review of literature in works related to the subject, with this we investigated, if there is intersection between the theories of the research. It was possible to identify that the researched areas of knowledge have an intersection of ideas and

¹ Doutoranda em Administração pela Universidade da Amazônia-Unama. Mestre em Administração pela Universidade de São Caetano do Sul- SP. Formada em Ciências Contábeis pela Universidade da Amazônia. Professora de Ensino a Distância- EAD da Universidade Norte do Paraná - Unopar. **E-mail** barbaraadria@yahoo.com.br.

² Especialista em Contabilidade Empresarial FEA/USP e Mestrado Em Ciências Contábeis Pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (1998). Professor adjunto da Universidade Federal do Pará e Professor da Universidade da Amazônia. **E-mail** jlui@ufpa.br

³ Possui graduação em Agronomia pela Universidade Federal Rural da Amazônia (2002), mestrado em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa (2006) e Doutorado em Ciências Agrárias (2011). É professora da Universidade Federal Rural da Amazônia, Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PPAD (Mestrado / Doutorado) da UNAMA. **E-mail** cyntiamei@hotmail.com.

⁴ Doutorando em Administração pela Universidade da Amazônia-Unama. Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Amazonas- AM. Formada em Administração pela Centro de Ensino Superior do Amazonas- CIESA. Professor substituto da Universidade do Estado do Pará. **E-mail** jurandymoreira@hotmail.com.br

Realização:



Apoio:





knowledge in relation to the following macro themes: social sciences; fostering competitiveness; relationship between actors; vision of performance in geographic spaces.

Keywords: Systematic review; Intersection; Network analysis; Regional development; Economic geography.

1 INTRODUÇÃO

Buscar evidências de pesquisa para guiar estudos empíricos é uma das razões para elaboração de estudos que sintetizem a literatura, mas não é a única. Estudos pautados em revisões sistemáticas são métodos explícitos que permitem reproduções. Esse tipo de estudo possibilita o desenvolvimento de projetos e aponta novos rumos para futuras investigações.

Diante disto, a década de 1980 foi pródiga quanto aos estudos de análises de redes, as relações interempresariais e a conexão com a geografia econômica (AMIN; THRIFT, 1994). O ponto forte da abordagem de rede é que ela absorve o fenômeno de forma macro e, ao mesmo tempo, permite a descoberta das relações aparentemente invisíveis para a análise das partes micro e distintas (GREEN, 1993, p.73).

Observa-se por outro lado, que a geografia econômica é uma área do conhecimento interdisciplinar e eclética que subjaz diversidade de disciplinas correlacionadas como a própria economia, estudos organizacionais, sociologia entre outros.

Quanto à relação sinérgica da geografia econômica com os principais temas da presente pesquisa, Chung-Yeung (2014, p. 428) entende que a geografia econômica possui interface com as relações interorganizacionais e o desenvolvimento regional.

Ainda em relação ao desenvolvimento regional, autores como Bathelt e Glückler, (2003) e Yeung (2005) desenvolveram o conceito de bens relacionais para analisar o papel das relações institucionais e sociais com o objetivo de fortalecer e consolidar a teoria voltada ao desenvolvimento local e regional.

Necessário é o entendimento do impacto da economia em escala global sobre a economia regional. Diante desse desafio Pitteri, Saes e Bresciani, (2015, p.10) posicionam-se no sentido de que “o crescente interesse nos efeitos da economia em escala global sobre as regiões confirma a importância da melhor compreensão de como as forças locais se articulam em torno de diferentes concepções para o desenvolvimento local sustentável e de longo prazo”.

Realização:



Apoio:





Justifica-se, portanto esse estudo, ao intencionar contribuir com a comunidade científica em promover o avanço do conhecimento e, de forma especial, por meio do entendimento da intersecção entre as teorias subjacentes a análise de redes, desenvolvimento regional e a geografia econômica.

Estudos como os de Malmberg e Maskell, 1997; Maskell e Malmberg, 1999; Phelps, 2004 demonstram que a aglomeração espacial e a formação de redes de produção territorial são temas relevantes e negligenciados na análise de redes, demandando, portanto, estudos e pesquisas.

Nesse sentido, Gil, Oliva e Silva (2012) expressam que, no campo específico da Administração, não se observa ainda um número expressivo de cursos, encontros ou publicações voltadas às implicações de redes de negócios e do regional sobre seu objeto de estudo.

Diante do contexto antes descrito emerge a questão de pesquisa: **Como ocorre - e se ocorre – a intersecção entre as teorias de análise de rede, desenvolvimento regional e geografia econômica?**

Desse modo, o objetivo do estudo é situar os conceitos de análise de rede, desenvolvimento regional e geografia econômica e organizar os fundamentos teóricos a partir de revisão da literatura em trabalhos relacionados ao tema, como isso, pesquisar se essas teorias se entrecortam ou ocorre intersecção.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 – Teoria de Análise de Redes

Entende-se Rede como atores interconectados, nesse sentido Balestrin e Vargas (2004) explicam que no campo de estudos das Ciências Sociais Aplicadas, o termo Rede designa um conjunto de pessoas ou organizações interligadas direta ou indiretamente.

Com visão gerencial Bowersox (1990) expressa o entendimento que uma rede é reflexo do desejo entre os participantes de eliminar as duplicidades de atividades nas *interfaces* da cadeia de valor agregado, e de reduzir desperdícios de recursos. São arranjos de longo prazo criados entre empresas diferentes com um propósito em comum: o de criar e manter vantagem competitiva frente aos concorrentes fora da rede, minimizando seus custos de atividades e os custos de coordenação (ROHDEN; HOLLERWEGER; OSSANI, 2012). Avança-se para Green (1993: p. 73), que posiciona-se no sentido de que o ponto forte da abordagem de rede é que “trata o fenômeno como todo e assim, permite a descoberta de relações invisíveis para a análise de partes distintas”.

Pode-se dizer que, para entender as Redes de Negócios, uma boa estratégia é compreendê-las, de forma sistemática, por meio das conceituações de *nós* e *elos*. *Nós* são os pontos da rede, ou

Realização:



Apoio:





seja, os agentes constituintes dela, enquanto os *elos* são as ligações entre esses nós (CUNHA; PASSADOR; PASSADOR 2011).

Explica-se também a atuação em rede de negócios por meio da dependência de recursos, fato que motiva as organizações a procurar relações com outras organizações (ALDRICH; FELDMAN, 1996; PFEFFER; NOWAK, 1976).

Para Chung Yeung (2014, p. 431), “as redes empresariais, por exemplo, estão frequentemente embasadas em laços interpessoais, em fluxos de informações informais, no compartilhamento dos recursos, no aprendizado e no conhecimento descentralizado”.

As parcerias tornam-se equilibradas quando os custos são mensurados e o conhecimento sobre a lucratividade de produtos, de segmento de clientes e visão holística para negociação entre os parceiros da cadeia de negócios são estimulados (GUERREIRO; BIO; MENDEL, 2011).

Nesse sentido, Porter (1992) complementa afirmando que a empresa ganha vantagem competitiva quando executa suas atividades estratégicas a custos menores e mais bem executadas que a concorrente. Portanto, as empresas também se reúnem em redes de relações *in loco* em virtude de competirem e cooperarem entre si simultaneamente em plataforma locais e transnacionais (CHUNG YEUNG, 2014, p. 430). Assim, as redes de negócios atuam, competem e cooperam entre si, tanto no âmbito local ou regional quanto internacionalmente.

Presume-se assim que, apesar de inicialmente a competição e a cooperação parecerem antagônicas, o sucesso das estratégias organizacionais frequentemente requer que as empresas obtenham ambas as estratégias ao mesmo tempo (ROHDEN; HOLLERWEGER, 2012).

Diante desta realidade aflora o termo “coopetição”, assim, autores como Nalebuff e Brandenburger (1996); Zineldin (2004); Luo (2005); e Hollerweger e Rohden (2012) entendem que nos relacionamentos cooperativos as empresas podem cooperar e competir simultaneamente. Portanto, competir e cooperar são ações presentes nas redes de negócios.

Estuda-se melhor redes de negócios ao classificá-las, deste modo, Ferreira *et al.* (2008) desenvolveram estudo classificatório das tipologias de redes a partir da compilação de diversas pesquisas conforme quadro 1 em seguida:

Quadro 1 - Diversas classificações de Redes de Negócios

TIPOS DE REDES	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Redes Verticais	Essas relações são semelhantes às estabelecidas entre matriz/filial, em que as filiais possuem pouca autonomia jurídica e administrativa.	Bancos e suas filiais espalhadas pelo país.
Redes Horizontais	São construídas por empresas que guardam cada uma sua independência, mas que optam por	Associação dos Lojistas de Belém.

Realização:



Apoio:



	coordenar certas atividades específicas de forma conjunta.	
Redes Formais	Algumas redes são formalizadas por meio de termos contratuais, que estabelecem regras de conduta entre os atores.	Empresas que atuam sob contratos de Franquias.
Redes Informais	As redes são formadas sem qualquer tipo de contrato formal que estabeleça regras e agem em conformidade com os interesses mútuos de cooperação baseados na confiança entre os atores.	Polo de cerâmica marajoara e tapajônica da vila de Icoaracy – Belém Pará
Redes Sociais	Tem como característica fundamental a informalidade nas relações.	O <i>Facebook</i> , <i>Watzap</i> etc.
Redes Burocráticas	São caracterizadas pela existência de um contrato formal, que se destina a regular a própria organização da rede e as condições de relacionamento entre seus membros.	Polo Joalheiro São José Liberto.
Redes Proprietárias	Caracterizam-se pela formalização de acordos relativos aos direitos de propriedade entre os acionistas de empresas.	<i>Joint ventures</i> , geralmente empregadas na regulação das atividades de pesquisa e desenvolvimento, inovação tecnológica e de sistemas de produção de alto conteúdo tecnológico.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

O Quadro 1 descreve e exemplifica diversas tipologias de redes. Para Fleury e Fleury (2010), a busca por diferenciação no mercado torna-se cada vez mais acirrada, devido a fenômenos como, por exemplo, a existência do mercado globalizado, o constante avanço das tecnologias e o fácil acesso às informações. Portanto, os desafios contemporâneos envolvem a gestão de empresas regionais e também a de empresas globais. Mas a visão contemporânea não é unânime, quanto à globalização como um bem para a sociedade, isso posto, enfatiza-se nesse trabalho a valorização do regional, assunto que será abordado no próximo tópico.

Observa-se hoje, que parte significativa dos estudos está voltada para o desenvolvimento regional e, de forma especial, alicerçados no conceito de “bens relacionais”, o qual, tenta explicar as relações institucionais e sociais e suas contribuições para o desenvolvimento local e regional.

2.2 Desenvolvimento Regional

A globalização não trouxe para os mais pobres da Terra, o que prometeu e contribuiu sobremaneira para o enfraquecimento do papel dos Estados nacionais, com a consequente limitação de seu poder de formulação e execução de políticas sociais e econômicas (GIL; OLIVA; SILVA

Realização:



Apoio:





2012). Desse modo, uma das reações mais evidentes é constituída pela valorização do regional como contraponto ao global.

Essa tendência é ratificada pelas palavras de Junqueira Filho (2006, p. 15):

A regionalidade se apresenta como potencializadora dos processos globalizantes, sendo contraponto as consequências da globalização por permitir, além da sobrevivência, o desenvolvimento empresarial distinto, descontínuo, com dinâmica própria reorganizando elementos já existentes objetivando a criação de novas possibilidades, as quais, muitas vezes desenvolvidas “à sombra do estado”.

Oliveira (2014), ao abordar sobre o tema regionalidade, traz a afirmação de que a união de atores sociais em torno das necessidades de uma região é reconhecida como novo campo do conhecimento, por conta da necessidade de reação ante a globalização e, ao mesmo tempo, como consequência d’ela, assim, verifica-se em praticamente toda parte do globo o aparecimento de movimentos e organizações que preconizam a valorização do regional e do local.

Para Gil, Garcia e Klink (2012, p.18), o conceito de regionalidade é:

Qualidade de ser uma região, conjunto de propriedades e circunstâncias que distinguem um espaço e que permitem sua comparação com outras regiões. Consciência coletiva que une os habitantes de uma determinada região em torno de sua cultura, sentimentos e problemas; formação social que surge da articulação de esforços conjuntos das autoridades públicas, dos empresários, dos representantes de segmentos da sociedade civil e dos representantes de outras organizações, no espaço da região que pode ser geográfico, administrativo, econômico, político, social e cultural.

O conceito de regionalidade, num primeiro momento, pode confundir-se com o de regionalismo. Porém, regionalidade se vincula à reorganização do estado local a partir de novas formas de parcerias, que emergem para guiar e promover o desenvolvimento de recursos locais. Assim, só se pode falar em regionalidade quando se verificar a efetiva cooperação entre as instâncias de governo regional e os vários segmentos da sociedade civil, com o propósito de promover o desenvolvimento (OLIVEIRA, 2014).

Regionalidade é um conjunto de características que permite identificar um grupo de indivíduos de uma região e a distingue de outra, integra-se a este a política, a história, a economia. Sendo assim, todos os atores públicos, privados e a sociedade civil devem assumir uma consciência regional em relação ao espaço habitado (GIL *et al.*, 2004). A falta de identidade regional dificulta a articulação entre os atores e torna a cooperação difícil para o desenvolvimento das regiões. (BANDEIRA, 1999).

Dentro dessa visão, cita-se Zambanini (2014), que ao falar de inovação e desenvolvimento local, entende que esses trazem à reflexão para que o território possua a inovação como estratégia

Realização:



Apoio:





fundamental do seu desenvolvimento, desse modo, é necessária que essa consciência seja culturalmente construída e não imposta, porém, sabe-se que, muitas vezes, são necessários vários anos para que a região possa construir essa cultura de inovação, configurando-se como processo de médio e longo prazos, em que num primeiro momento os resultados podem parecer pouco concretos.

Diante disso, pode-se dizer que o conceito de regionalidade é pautado na união dos segmentos da sociedade civil e os poderes públicos com vistas a promover o desenvolvimento de regiões que, muitas vezes, originam-se da identificação dos habitantes com o território.

O desenvolvimento local está assentado na capacidade de interação dos agentes regionais, sejam eles econômicos sociais ou políticos. Resolver os conflitos com articulação dos interesses locais construindo um projeto específico de inserção diferenciada no processo da esfera política representa um papel fundamental.

O político se torna a dimensão da articulação entre o social e o econômico nesse processo de desenvolvimento. Essa nova concepção deve passar por um processo de aprendizado dos diversos atores, os quais devem estar dispostos ao diálogo sobre seus interesses, mas com o ideal voltado para um consenso das diferenças e divergências (MENDES; BELLINI, 2011).

Com o mesmo entendimento, Gil, Garcia e Klink (1999) afirmam que a convivência de grupamentos com forças políticas e econômicas em busca de um objetivo comum, resulta no surgimento do conceito de regionalidade, que se caracteriza, portanto, como a reorganização do Estado local com novas formas de parceria que emergem para guiar e promover o desenvolvimento de recursos locais, entre as instâncias de governo regional e os vários segmentos da sociedade civil com o propósito de promover o desenvolvimento regional.

Por outro lado, a abordagem de bens relacionais tenta explicar como ocorre o desenvolvimento local e regional a partir do resultado espacial em virtude do ressurgimento de economias regionais (STORPER, 1977 p.26)

Storper (1997, p. 20) também acredita que “o desenvolvimento territorial seja incorporado nas redes de bens relacionais e na proximidade espacial, especialmente em escala locais e regionais, de modo que a territorialização é frequentemente entrelaçada e com interdependências específicas na vida econômica”.

A literatura que versa sobre a geografia econômica vai além da análise de redes e estuda os resultados geográficos das redes entre empresas e instituições, assim, ratifica o que se conceitua de bens relacionais.

Realização:



Apoio:





Para Cox, 1997; Yeung, 2005; Kelly, 1999; Olds et al., 1999; Peck e Yeung, 2005, Dicken, 2004 o que alicerça a discussão do que se convencionou denominar de bens relacionais está situada no debate contemporâneo intelectual e político sobre a globalização e suas diversas implicações com o desenvolvimento local e regional.

Gil, Oliva e Silva (2012), por exemplo, discutem que a globalização enfraqueceu o papel dos Estados nacionais e como consequência limitou o poder do Estado de formular e executar políticas sociais e econômicas, e não cumpriu a expectativa que gerou, em especial, quanto aos cidadãos comuns carentes de recursos materiais.

Admite-se, porém que a espessura institucional possui desafios quando envolve as variáveis empresas e regiões, neste sentido Chung Yeung (2014, p.434) afirmam que “a espessura institucional é uma faca de dois gumes, na medida em que o crescimento das empresas e o desenvolvimento regional estão envolvidos. Isso pode levar a efeitos de enclausuramento que podem sufocar as colaborações e a renovação interorganizacional”.

Scott (1988, p 110), na mesma linha de pensamento de Chung Yeung (2014, p.434) entende que a espessura institucional pode ser um obstáculo para desenvolver e fazer crescer atitudes, pelo fato de que hábitos teimosamente disfuncionais são solidamente encrustados no sistema econômico local.

O entendimento predominante é de as empresas que atuam em redes e no mesmo território geográfico possuem fatores que as tornam competitivas quando comparadas com outras que não possuem essas prerrogativas. Diante disto as aglomerações territoriais são elementos que geram vantagens de interdependências, como diminuição de riscos, maior flexibilidade, minimização de custos de transação e aumento da especialização. No caso extremo, sem proximidade geográfica, estas vantagens não existiriam (PITTERI; SAES; BRESCIANI, 2015, p.11).

2.3 Geografia Econômica

A geografia econômica é uma disciplina eclética que delineia uma gama de disciplinas cognatas, como a economia, a sociologia, os estudos organizacionais e a política econômica e desde a metade da década de 1980, as redes e as inserções vêm dominando o léxico na sociologia econômica, nos estudos organizacionais e no gerenciamento estratégico (CHUNG YEUNG, 2014, p.427).

Realização:



Apoio:





Martim (1996) explica que durante a década de 1980 os estudos voltados a Geografia Econômica possuíam dos eixos: (i) dinâmica de localização industrial; (ii) processo de desenvolvimento regional desigual. Esses eixos eram derivados dos conceitos e teorias da economia neoclássica de Keynes e Marx.

Apesar do envolvimento teórico sobre redes e a imersão possuir profundo impacto sobre a sociologia econômico e os estudos organizacionais, sua difusão na geografia econômica permaneceu relativamente incipiente até o início dos anos de 1990 (PECK, 2005; GRABHER, 2006). Diante disto, induz-se que os geógrafos econômicos ainda não tinham entendido como ocorria a análise estrutural das relações de redes e a sinergia com as empresas.

Clark et al., (2000); Sheppard e Barnes, (2000); Barnes et al., (2003) afirmam que “a geografia econômica é uma disciplina acadêmica fundamentalmente interessada em descrever e explicar a organização espacial da atividade econômica”. Essa especialidade da economia pode ser analisada em relação à localização no espaço, no local e na escala dos processos econômicos e dos resultados (CHUNG YEUNG, 2014, p.427).

Para Domingues (2015, p.10), “diante das novas ‘realidades econômica’”, nenhuma das principais escolas de economia explica os acontecimentos e mudanças das últimas décadas. Daí houve a necessidade de repensar as teorias, premissas e os princípios da moderna geografia econômica”.

Chung Yeung (2014, p.440) entende que a concepção dos atores e de suas relações de poder aprimora o trabalho dos geógrafos econômicos sobre os sistemas industriais ao focalizar principalmente as conexões econômicas entre empresas.

Allen (2003) analisou as relações entre os espaços geográficos e o poder e desenvolveu um entendimento de “assembleias espaciais do poder” na qual a espacialidade é imbuída com poder e o poder está entrelaçado com a espacialidade, portanto, espaço geográfico econômico e poder são inter-relacionados. Deste modo, o que instiga é saber exatamente qual o conceito de “poder” no contexto da geografia econômica.

Lukes (1996, p. 17) explica que nas ciências sociais “o poder” é um conceito especialmente difícil e desafiador e expressa:

Existem várias respostas, todas profundamente próximas, que respondem aos nossos interesses tanto sobre os resultados quanto sobre as locações do poder. Talvez isso explique por que, em nossos julgamentos irrefletidos e comparações de poder, normalmente entendemos o que queremos dizer e temos pouca dificuldade de entender um o outro, ainda que cada tentativa para uma resposta única à questão tenha falhado e pareça fadada ao fracasso.

Realização:



Apoio:





Allen (2003, p.2) conceitua poder como “um efeito relacional das interações sociais”, assim, define poder como “os efeitos relacionais da capacidade de influência e o exercício dessa capacidade por meio de prática de atores específicos”.

As relações entre organizações é o *locus* do poder, Chung Yeung (2014, p.436) vê o poder como os efeitos emergentes da prática social entre os atores em diferentes organizações e, na visão dessa relação, entende o poder como um atributo emergente, de maneira que a soma das relações heterogêneas é muito maior do que das partes individuais.

Neste panorama de estudo emerge a Perspectiva de Redes de Produção Global sob o acrônimo de RPG. Chung Yeung (2014) explica que a RPG fundamenta-se na literatura da geografia econômica, foca as relações entre organizações e explica o poder emergente nas redes relacionais.

É possível entender a RPG com visão espacial regional macro, ou seja, com visão global. Dicken (2004) explica que finalmente o quadro de cadeia de valor encontrará o caminho na geografia econômica, fato que permite desenvolver estudos sobre as organizações transnacionais e o desenvolvimento regional.

Depreende-se assim ao estudar a RPG, como é de difícil compreender e absorver como as atividades produtivas podem estar desassociadas de análise concomitante das atividades geradoras de valores organizadas por meio de significantes gamas de serviços imperativos como: logísticas, finanças, varejos, seguros etc..

2.3.1 A Nova Economia Institucional (NEI) e a Geografia Econômica

Coase (1937), ao apresentar o trabalho “*The Nature of Firme*” já referenciara o papel das instituições no cenário econômico. Pitteri, Saes e Bresciani (2015) explicam que a Nova Economia Institucional (NEI) aborda o papel das instituições sob dois níveis analíticos distintos: (i) o ambiente institucional e, (ii) as estruturas de governança, que contemplam tanto as macroinstituições, estabelecendo as bases para as interações entre os seres humanos, quanto as microinstituições, que regulam uma transação específica.

Para Domingues (2015), a NEI consolidou-se na década de 1990 após quarenta anos de estudos e pesquisas alicerçadas em conceitos e métodos de análises econômicas, dentre os diversos pesquisadores é possível destacar Coase, Williamson e North.

A economia em sua trajetória histórica passou a incorporar o conceito de instituição, organizações, arranjo institucional e o Estado. Neste sentido Meheir (1995, pg.62) entende que a

Realização:



Apoio:





partir das instituições os sistemas econômicos podem ser estudados. Ao ampliar a velha economia institucionalista Bazzoli e Dutraive (1995) focam no centro da teoria econômica a análise de processos empresariais por meio da ação coletiva no intuito de melhor explicar as atividades econômicas e o capitalismo.

Domingues (2015, p.10) explica que “ao elaborar novas categorias de análise, ele desloca o objeto da análise econômica, das mercadorias e dos indivíduos, para o que chama de ‘as transações’. Com ele, as instituições se tornam, assim, sedes de uma rede de transações reguladas, em que o indivíduo é, ao mesmo tempo, capturado e ator”.

Domingues (2015, p.14) expressa que a NEI considera o indivíduo como ponto de partida da mudança, mas dá importância às instituições, inclusive destacando como fundamentais as normas formais e informais, regras, leis e hábitos de conduta. É, portanto, uma ampliação de seus postulados, que levaria a entender melhor o comportamento dos agentes econômicos e políticos.

Para North (1993), as instituições são passíveis de mudanças e elas ocorrem de forma diferente. As instituições formais mudam em menor espaço de tempo e precisam da ação coerciva do Estado para ser observadas, enquanto as instituições informais não necessitam de ação coerciva do Estado, pois dependem das crenças de seus seguidores – a sociedade.

Kalmanovitz (2003, p.20) entende que “que as crenças não mudam em espaços de tempo curtos, ao contrário, demoram muito para se consolidar”, assim, admite que a chave do crescimento e desenvolvimento econômico e social estável e sustentável, não está, apenas, na manipulação de variáveis macroeconômicas, e sim, nas relações entre indivíduos em sua atividade cotidiana, no interior das empresas e no aparato do Estado.

Williamson (1993) deu outra perspectiva de análise para as instituições formais ao segmentá-la em dois níveis: (i) as regras que atuam em nível macro como as leis que regulam um país e; (ii) as regras que atuam em nível micro como os contratos entre sócios de uma empresa. Essas perspectivas ratificam a pluralidade intrínseca a definição de instituições.

Atribui-se a Coase, pioneiro no estudo da Teoria dos Custos de Transação (TCT) a iniciativa da análise institucional, pois a TCT enfatiza que os custos de transação tendem a aumentar quando as entidades são consideradas frágeis, neste sentido Williamson avança ao mostrar que no contexto em que o mercado é insuficiente, a ‘instituição’ impõe-se ao coordenar as atividades (DOMINGUES, 2015).

Realização:



Apoio:





North (1993) progrido ao expressar que a TCT pode ser instrumento pertinente tanto para a história econômica quanto para o estudo da dinâmica ‘institucional’ no processo do desenvolvimento econômico.

Observa-se que os pesquisadores antes citados pactuam existência de interdependência e complementariedade em seus estudos ao expressarem que as instituições informais influenciam as instituições formais e vice-versa, e definem o que denominam de direito de propriedade que são recursos assegurados pelo Estado e os direitos que os atores têm sobre esses recursos.

Os espaços geográficos-econômicos não estão delimitados a existência de recursos naturais e de infraestrutura, embora se reconheça a importância dos recursos naturais em algumas atividades como as que compõem o polo da cerâmica marajoara da vila de Icoaracy – Belém Pará. Porém deve ser consideradas questões sobre a atuação das instituições no processo de desenvolvimento regional. Isto não significa imputar às instituições o compromisso exclusivo e solitário voltados ao desenvolvimento econômico, mas compreender o papel das instituições nesse processo. Por fim, Domingues (2015, p.15) finaliza dizendo que a geografia econômica é multidimensional e também de múltiplas perspectivas, aberta a uma vasta gama de teorias.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Entende-se que a revisão sistemática, assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados à literatura sobre determinados temas (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Portanto ao situar os conceitos de análise de rede, desenvolvimento regional e geografia econômica e organizar os fundamentos teóricos a partir de revisão da literatura em trabalhos relacionados ao tema.

Optou-se pela revisão sistemática por entender que essa permite adicionar um espectro maior de resultados relevantes ao invés de limitar conclusões a leitura de alguns artigos, além também de permitir a possibilidade de avaliar a consistência e generalização dos resultados individualizados pelos diversos autores.

Entende-se por Metanálise a análise da análise, ou seja, uma revisão da literatura em que os resultados de vários estudos independentes são combinados e sintetizados por meio de procedimentos estatísticos, de modo a produzir uma única estimativa ou índice que caracterize o efeito de determinada intervenção (SAMPAIO; MANCINI, 2007). Diante do exposto, firma-se que a presente pesquisa tem como objeto estudos de revisões sistemáticas sem metanálise.

Realização:



Apoio:





Buscou-se inicialmente levantar autores clássicos e contemporâneos, quantos aos temas que permeiam a pesquisa, seus posicionamentos e entendimentos, em seguida e por meio de revisão sistemática, procurou-se identificar onde os posicionamentos causam intersecção entre si, de outra maneira, onde existe concordância ou similaridade nos entendimentos das teorias alvo da pesquisa.

Em seguida, as teorias que sustentam a pesquisa serão alvo de triangulação, neste sentido Patton (1987) explica que, dentre os tipos de triangulação, a triangulação de teorias permite identificar as identidades entre elas.

Figura 1. Triangulação das Teorias



Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

Deste modo será pesquisada a existência de intersecção entre essas teorias. Por oportuno, Ferreira (2008, p. 435) explica que intersecção é palavra de origem latina (*intersectione*) e é um substantivo feminino que significa “ato de cortar-se mutuamente”, ou seja, na presente pesquisa de revisão sistemática, busca identificar se e onde essas três teorias são entrecortadas ou ocorre a intersecção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Realização:



Apoio:





Na teoria de redes é possível destacar as seguintes características predominantes, sem ter-se intenção de esgotá-las:

- a) conjunto de pessoas ou organizações interligadas direta ou indiretamente (BALESTRIN; VARGAS 2004).
- b) são arranjos de longo prazo criados entre empresas diferentes com um propósito em comum: o de criar e manter vantagem competitiva frente aos concorrentes fora da rede, minimizando seus custos de atividades e os custos de coordenação (ROHDEN; HOLLERWEGER; OSSANI, 2012);
- c) desejo entre os participantes de eliminar as duplicidades de atividades nas *interfaces* da cadeia de valor agregado, e de reduzir desperdícios de recursos (BOWERSOX, 1990);
- d) o que explica a atuação em rede de negócios é a dependência de recursos, fato que motiva as organizações a procurar relações com outras organizações (ALDRICH, 1976; PFEFFER; NOWAK, 1976);
- e) frequentemente embasadas em laços interpessoais, em fluxos de informações informais, no compartilhamento dos recursos, no aprendizado e no conhecimento descentralizado (CHUNG YEUNG 2014).
- f) Possibilita ações de competição e cooperação simultânea entre atores em plataforma locais e transnacionais (CHUNG YEUNG, 2014).
- g) possibilita vantagem competitiva quando os atores executam atividades estratégicas a custos menores e mais bem executadas que os concorrentes (PORTER, 1992).
- h) a troca de conhecimentos entre os diversos atores da rede propicia aprendizado conjunto e pode propiciar vantagem competitiva para as empresas que atuam em formato de rede (CASTRO; BULGACOV; HOFFMANN, 2011).

Quanto à teoria voltada ao desenvolvimento regional e os bens relacionais é possível destacar:

- a) a regionalidade é reconhecida como novo campo do conhecimento, por conta da necessidade de reação ante a globalização (OLIVEIRA, 2014);
- b) permite identificar um grupo de indivíduos de uma região e a distingue de outra, integra-se a este a política, a história, a economia (BANDEIRA, 1999);
- c) a totalidade dos atores (públicos, privados e a sociedade civil) deve assumir uma consciência regional em relação ao espaço habitado (GIL *et al.*, 2004).;

Realização:



Apoio:





- d) A falta de identidade regional dificulta a articulação entre os atores e torna a cooperação difícil para o desenvolvimento das regiões. (BANDEIRA, 1999);
- e) A inovação é estratégia para o desenvolvimento regional (ZAMBANINI 2014);
- f) regionalidade implica falar de fatores de ordem ideológica e política, além de fatores de ordem econômica e estruturais voltados e focados no local (OLIVEIRA, 2014);
- g) O desenvolvimento local está assentado na capacidade de interação dos agentes regionais, sejam eles econômicos sociais ou políticos (OLIVEIRA, 2014);
- h) O político se torna a dimensão da articulação entre o social e o econômico nesse processo de desenvolvimento (MENDES; BELLINI, 2011);
- i) a abordagem de bens relacionais envida esforços no sentido de explicar como ocorre o desenvolvimento local e regional a partir do resultado espacial ou voltado ao resultado do espaço geográfico em virtude do ressurgimento de economias regionais (STORPER, 1997).

Quanto à teoria voltada a Geografia Econômica é possível destacar:

- a) a geografia econômica é uma disciplina eclética que delinea uma gama de disciplinas cognatas, como a economia, a sociologia, os estudos organizacionais e a política econômica (CHUNG YEUNG, 2014);
- b) a geografia econômica é uma disciplina acadêmica fundamentalmente interessada em descrever e explicar a organização espacial da atividade econômica (CLARK et al.,2000); (SHEPPARD; BARNES, 2000); (BARNES et al., 2003).
- c) A geografia econômica estuda o poder como “um efeito relacional das interações sociais”, assim define poder como os efeitos relacionais da capacidade de influência e o exercício dessa capacidade por meio de prática de atores específicos (ALLEN, 2003);
- d) a RPG fundamenta-se na literatura da geografia econômica, foca as relações entre organizações e explica o poder emergente nas redes relacionais (CHUNG YEUNG,2014);
- e) cadeia de valor encontrará o caminho na geografia econômica, fato que permite desenvolver estudos sobre as organizações transnacionais e o desenvolvimento regional (DICKEN,2004);
- f) a geografia econômica por ser multidimensional e estar aberta para gama de teorias contempla a Nova Teoria Institucional (DOMINGUES, 2015).

Realização:



Apoio:





Diante dos diversos posicionamentos teóricos é possível sintetizá-los no sentido de buscar identificar existência de intersecção entre as teorias estudadas.

Quadro2. Intersecção entre as teorias de Redes, Desenvolvimento Regional e Geografia Econômica.

TEORIAS	INTERSECÇÃO	AUTORES
1. Ciências Sociais 1.1 Redes 1.2 Desenvolvimento Regional 1.3 Geografia Econômica	Conjunto de pessoas interligadas Grupo de indivíduos de uma região Efeito relacional das interações sociais	Balestrin; Vargas 2004; Bowersox, 1990 Bandeira, 1999; Oliveira, 2011. Allen, 2003; Chung Yeung, 2014
2. Competitividade 2.1 Redes 2.2 Desenvolvimento Regional 2.3 Geografia Econômica	Criar e manter vantagem competitiva Permite inovação estratégica Cadeia de valor encontrara o caminho	Rohden; Hollerweger; Ossani, 2012; Porter, 1992. Zambanini 2014; Mendes; Bellini, 2011. Dicken, 1986; Allen, 2003
3. Relacionamento entre atores 3.1 Redes 3.2 Desenvolvimento Regional 3.3 Geografia Econômica	Pessoas ou organizações interligadas Capacidade de interação dos agentes regionais Efeito relacional das interações sociais	Balestrin; Vargas 2004; Rohden; Hollerweger; Ossani, 2012. Oliveira, 2011; Mendes; Bellini, 2011. Dicken, 1986; Allen, 2003;
4. Visão de espaço geográfico 4.1 Redes 4.2 Desenvolvimento Regional 4.3 Geografia Econômica	Plataforma locais e transnacionais Grupo de indivíduos de uma região Explicar a organização espacial da atividade econômica	Chung Yeung, 2014. Bandeira, 1999; Oliveira, 2011. Clark et al., 2000; Sheppard; Barnes, 2000; Barnes et al., 2003.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

O Quadro 2 demonstra que as teorias estudadas possuem intersecção nos seguintes aspectos:

- Ciências Sociais: As teorias, em seus objetos de estudos, envolvem as pessoas físicas comuns e as entidades econômicas e o desafio de suas interações;
- Competitividade: Reconhecem que os aglomerados empresariais fomentam a competitividade dos atores;
- Relacionamento entre atores: Que as relações e trocas entre atores estão presentes em todas as três teorias estudadas;
- Visão de espaço geográfico: As teorias identificam-se no sentido de reconhecer a atuação regional.

Realização:



Apoio:





5 CONCLUSÃO

A pesquisa utilizou a revisão sistemática no sentido de situar os conceitos de análise de rede, desenvolvimento regional e geografia econômica e organizar os fundamentos teóricos a partir de revisão da literatura em trabalhos relacionados ao tema, com isso, pesquisar se ocorre intersecção entre as teorias alvo da pesquisa.

Foi possível identificar que as três áreas do conhecimento pesquisadas possuem intersecção de ideias e conhecimentos em relação aos seguintes macros temas: ciências sociais; fomento a competitividade; relacionamento entre atores; visão de atuação em espaços geográficos.

As três áreas do conhecimento estudadas pertencem à macro área das Ciências Sociais Aplicadas, por envolverem em seus objetos o homem e as entidades econômicas, além dos estudos de seus relacionamentos.

Entendem também que, a atuação em formato de redes ou em aglomerados empresariais fomenta a competitividade dos atores e, para que isso ocorra, é necessário que os mesmos estejam em constantes interações como, as trocas de conhecimentos e informações. Por fim, as teorias reconhecem a atuação dos agentes econômicos em mesmos espaços geográficos, permite ratificar o que antes foi encontrado, ou seja, relações de trocas e fomento a competitividade dos atores.

Sugere-se novas pesquisas em arranjos empresariais, no sentido de, empiricamente, confirmar a existência da intersecção nas relações entre atores dessas redes de negócios, já que o estudo teórico ratifica essa existência.

REFERÊNCIAS

ALDRICH, D.; FELDMAN, M. R&D spillovers and the geography of innovation and production. **American Economic Review**. v 86/3 p. 630-640, 1996.

ALLEN, J. **Lost Geographies of Power**. Oxford: Blackwell, 2003.

AMIN, A.; THRIFT, N. Globalisation, institutions and regional development in Europe. Oxford: **Oxford University Press**, p. 1-22, 1994.

BALESTRIN, A.; VARGAS, L. M. A dimensão estratégica das redes horizontais de PMEs: teorizações e evidências. **Revista de Administração e Contabilidade**. Curitiba, v. 8, p. 203-227. 2004.

BANDEIRA, P. Participação, articulação de atores sociais no desenvolvimento regional. **Instituto de Pesquisa Aplicada - IPEA**, Brasília, 1999.

Realização:



Apoio:





BARNES, T.J.; PECK, J.; SHEPPARD, E.; TICKELL, A. (eds). **Reading Economic Geography**. Oxford. Blackwell, 2003.

BATHELT, H. GLÜCKLER, J. Toward a relational economic geography. **Journal of Economic Geography**, v.3/2, p.117-144, 2003.

BAZZOLI, L.; DUTRAIVE, V. L'économie de l'action collective de John Roger Commons. **L'Économie Institutionnaliste: les fondateurs**. V. Dutraive (Coord.). Paris, p.29-45.1995.

BOWERSOX, D.J. The Strategic Benefits of Logistics Alliances. **Harvard Business Review**, Cambridge, EUA, v. 68, n. 4, p. 36-45, 1990.

CASTRO, M.; BULGACOV, S.; HOFFMANN, V. E. Relacionamentos interorganizacionais e resultados: estudo em uma rede de cooperação horizontal da região central do Paraná. **Revista de Administração e Contabilidade**, Santa Catarina. v.15, n. 1, p. 25-46, 2011.

CHUNG YEUNG, H. W. Perspectivas das relações interorganizacionais na geografia econômica. **Handbook de Relações Interorganizacionais da Oxford**. Porto Alegre: Bookman, 2014, 706 p.

CLARK, G.L.; FELDMAN, M.A., GERTLER, M.S. Economic Geography; Transition and growth. **The Oxford Handbook of Economic Geography**. Oxford: Oxford University Press, v.3-7, 2000.

COASE, R. H. The Nature of the Firm. **Economica, New Series**, v. 4, n. 16, p. 386-405, 1937.

COX, K.R. Spaces of globalization: Reasserting the power of the local: New York: **Guilford**, 1997.

CUNHA, J. A.; PASSADOR, J.L.; PASSADOR, C.S. Recomendações e apontamentos para categorizações em pesquisas sobre redes interorganizacionais. **Cadernos EBAPE/BR**, Rio de Janeiro, v. 9, Edição Especial, p. 505-529, 2011.

DICKEN, P. Geographers and globalization: (Yet) another missed Boat? **Transactions of the institute of British geographers**, v.29q1, p. 5-26, 2004.

DOMINGUES, R. A.. Estratégia de crescimento? O caso dos royalties do setor elétrico. In: **XVIII Encontro de Estudos Populacionais ABEP** (Paper Presented). Available at: <www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais>. Accessed in: out. 2015.

FERREIRA *et al.* Redes organizacionais no varejo alimentar. In: SEMEAD, 11., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2008.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. Internacionalização das Empresas Brasileiras: em busca de uma abordagem teórica para os *late movers*. In: FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. **Internacionalização e os Países Emergentes**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

Realização:



Apoio:





GIL, A. C.; OLIVA, E. de C.; SILVA, E. C. da. Desenvolvimento da Regionalidade: novo campo da Administração. **Regionalidade e Organizações**. Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul. São Paulo: Páginas e Letras, p.11-28, 2012.

_____; GARCIA, C. C.; KLINK, J. Região, regionalismo e regionalidade. **Regionalidade e Organizações**. São Paulo: Páginas & Letras Editora e Gráfica. p.29-47, 2012.

GRABHER, G. Trading routes, by-passes, na risk intersections: mapping the travels of “network” between economic sociology and economic geography. **Progresso in Human Geography**, v.30/2, p.163-189, 2006.

GREEN, M.B. A geography of institutional stock ownership in the United States. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 83/1, p. 66-89, 1993.

GUERREIRO, R. BIO,S.R.; MENDEL,S.F. Logística integrada, gestão da cadeia de suprimentos e mensuração de custos e resultados logísticos: Um estudo com empresas brasileiras. **Advances in Scientific and Applied Accounting**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 73-100, 2011.

HOLLERWEGER, C.; ROHDEN, S. F. Dificuldades do modelo de coopetição: um caso internacional de relações interorganizacionais. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD. 7., 2012, Curitiba/Paraná, **Anais...** Curitiba/Paraná: Anpad, 2012.

JUNQUEIRA FILHO, F. O. D. **A influência da regionalidade como fator de desenvolvimento de micro e pequenas empresas**. Um estudo do APL vinícola de Jundiaí – SP. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul/São Paulo, 2006.

KALMANOVITZ, S. El neo institucionalismo como escuela. **Revista de Economía Institucional**, Colombia, v.5, n.9, p.189-215, 2003.

KELLY, P.F. The geographies and politics of globalization.**Progress in Human Geography**, v.23/3, p. 379-400, 1999

LUKES, S. **Power**. Oxford: Blackwell, 1996.

LUO, Y. Toward coopetition within a multinational enterprise: a perspective from foreign subsidiaries. **Journal of World Business**, Pennsylvania, USA v. 40, p.71-90, 2005.

MALMBERG, A.; MASKELL, P. Toward an explanation of regional specialization and industry agglomeration. **European Planning Studies**. v 5,p. 25-41, 1997.

MARTIN, R. **Geografia Humana – Sociedade, Espaço e Ciência Social**. São Paulo SP. Editora Jorge Zahar, 1996.

MASKELL, P.; MALMBERG, A. Localised learning and industrial competitiveness. **Cambridge Journal of Economics**. v. 23/2, p. 167-185, 1999.

Realização:



Apoio:





MEHIER, C. Les apports de Clarence Edwin Ayres: place et rôle de la technologie dans la dynamique économique. L'Économie Institutionnaliste: les fondateurs. V. Dutraive (Coord.). Paris: **Economica**, 1995, p.61-75.

MENDES, M. R.; BELLINI, M. I. B. **Textos e Contextos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

NALEBUFF, B.J; BRANDENBURGER, A.M. **Coopetição**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

NORTH, D.C. Desempeño económico en el transcurso de los años. In: **Conferencia de North em Estocolmo**, Suecia, el 09 diciembre, al recibir el Premio Nobel de Ciencias Económicas. 26p. Available at: <<http://www.eumed.net>>. Accessed in: 03 mai. 2016.

OLDS, K.; DICKEN, P.; KELLY, P.; KONG, L.; YEUNG, H.W. **Globalisation and the Asia-Pacific: Contested Territories**. London: Routledge, 1999.

OLIVEIRA, I. S. V. de. **Relacionamentos interorganizacionais como fonte de vantagem competitiva**: um estudo em empresas do APL de calçados da grande João Pessoa-PB. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

PATTON, M.Q. **How to use qualitative methods in evaluation**. Newbury Park, CA: Sage, 1987.

PECK, J.A.; YEUNG, H.W. **Remaking the global economy: Economic-Geographical perspectives**. London: Sage, 2005.

PFEFFER, J. NOWAK, P. Joint ventures and interorganizational interdependence. **Administrative Science Quarterly**. v 21, p.398-418, 1976.

PHELPS, N.A. Clusters, dispersion and the spaces in between: For an economic geography of the banal. **Urban Studies**. v.41/5-6, p.971-989, 2004.

PORTER, M. E. **Estratégia competitiva**: técnicas para análise de indústria e da concorrência. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1986.

_____. **Vantagem Competitiva**. Rio de Janeiro: Campos 1992.

PITTERI,S.; SAES, M.S.M.; BRESCIANI, L.P. Competências territoriais e desenvolvimento regional: Uma proposta teórico metodológica para pesquisas interdisciplinares. **Desenvolvimento em Questão**. Editora Unijuí, nº 31, jul/set de 2015.

ROHDEN, S.F.; HOLLERWEGER, C.; OSSANI, A. Benefícios em Redes de cooperação: a perspectiva da rede das redes. In: ENCONTRO DOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 7., 2012, Curitiba/Paraná, **Anais...** Curitiba/Paraná: ANPAD, maio de 2012.

SAMPAIO, R.F; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. São Carlos, v.11, n.1, p.83-89, jan./fev.2007.

Realização:



Apoio:





SCOTT, A.J. **New industrial space: flexible production, organization and regional development in north America and western Europe.** London: Pion, 1988.

_____. **Regions and the World Economy: the coming shap of global productions, competition and political order.** Oxford: **Oxford University Press**, 1998.

SHEPPARD, E.; BARNES, T.J. **A companion to economic geography.** Oxford: **The Handbook of Economic Sociology**, 2nd edn. Priceton University Press, 2000

STORPER, M. **The regional wolrd: Territorial development in a global economy.** New York: Guilford Press, 1997.

WILLIAMSON, O. E. **Transactions cost economics and organization theory.** Berkeley: University of California, 58p. 1993.

YEUNG.H.C. **The firm as social network: An organizational perspective. Growth and change. Progress in Human Geograh**y, v.36/3, p. 307-328, 2005.

_____. **Capital, State and Space: Contesting the Borderless World. Transactions of the Institute of British Geographers**, v.23/3, p. 291-309, 1998.

ZAMBANINI, M. E. **Inovação e desenvolvimento local: uma análise sobre São José dos Campos.** 2014. 196 f. Tese (Doutorado em Administração). Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul/São Paulo, 2014

ZINELDIN, M. **Co-opetition: the organization of the future. Marketing Intelligence & Planning**, v.22, p. 780-789. 2004.

Realização:



Apoio:

